

Luis Henrique Dias Tavares

Abdicação de Pedro I

Derrota do Absolutismo



Abdicação de Pedro I
Derrota do Absolutismo

Universidade Federal da Bahia

Reitora

Dora Leal Rosa

Vice-Reitor

Luiz Rogério Bastos Leal



Editora da Universidade Federal da Bahia

Diretora

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninõ El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria Vidal de Negreiros Camargo

Luis Henrique Dias Tavares

*Doutor em História por Concurso Público de Provas
Escrita e Oral, com arguição de Banca Examinadora,
e Pós-Doutorado na London University (1986)
Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia
e Honoris Causa da Universidade do Estado da Bahia*

Abdicação de Pedro I

Derrota do Absolutismo

Salvador
Edufba
2013

©Luis Henrique Dias Tavares, 2013

Agradecimentos à Fundação Pedro Calmon / Secretaria de Cultura do
Governo do Estado da Bahia pelo patrocínio das ilustrações.

Luís Guilherme Pontes Tavares Produção Editorial
Sérgio Alexandre Pontes Tavares Projeto Gráfico (*in memoriam*)
Marco Antônio Gross Kronbauer Editoração e Arte final
Gentil Ilustrações (capa e miolo)
Naddija Nunes Digitação
Adenor Gondim (foto do autor) e *Gentil* (auto-retrato)

Sistema de Bibliotecas - UFBA

T231 Tavares, Luis Henrique Dias.
Abdicação de Pedro I : derrota do absolutismo / Luis Henrique Dias
Tavares. - Salvador : EDUFBA, 2013.
36 p. : il.

ISBN 978-85-232-1033-5

1. Brasil - História - 1831 - Ficção. 2. Ficção histórica brasileira. I. Título.

CDU – 94(813.8)

Editora filiada à



Editora da UFBA
Rua Barão de Jeremoabo
s/n - Campus de Ondina
40170-115 - Salvador - Bahia

Tel.: +55 71 3283-6164
Fax: +55 71 3283-6160
www.edufba.ufba.br
edufba@ufba.br

*Este livro é dedicado
à memória do historiador
Braz Hermenegildo do Amaral*

SUMÁRIO

I. Os donos do Brasil	9
II. Prontos para a luta	13
III. A noite das garrafadas	17
IV. No aniversário da Constituição	21
V. Morte em abril	25
VI. Abdicação	29
VII. Boa noite, padre	33



I

OS DONOS DO BRASIL

O Rio de Janeiro estava mais tranquilo naquela sexta-feira, 11 de março de 1831. Tranquilo na medida do possível. Há bastante tempo vinham ocorrendo no Rio de Janeiro tumultos, brigas, desordens. Havia sempre bofetões, pauladas, facadas, tiros, quando um grupo de brasileiros se encontrava com um de portugueses.

O seminarista Joaquim Pedro sentia que estavam para ocorrer acontecimentos da maior gravidade para os rumos da vida brasileira e procurava entender direito o que acontecia. Estava quase na porta do Seminário de São Joaquim quando viu um pequeno grupo de pessoas ouvindo com atenção um inflamado discurso:

– Vamos dar uma lição nesses “moleques”! – dizia o orador, o rosto vermelho, a batina gasta e suja tremulando. – É preciso acabar com esses liberais. Temos de livrar nosso Imperador da Constituição. Viva o sistema monárquico absolutista!

Joaquim Pedro reconheceu imediatamente o padre Malheiros, um português apaixonado pela figura de Pedro I e membro destacado da influente sociedade Coluna do Trono e do Altar. Logo após o 7 de Setembro, o “partido português”, formado por aqueles que defendiam os interesses lusitanos no Brasil, cedeu o lugar a esta sociedade, cuja força era sentida no Rio de Janeiro.



Enquanto o padre Malheiros falava, os passantes iam parando. Chegaram alguns homens com chapéu de palha na cabeça, portando fitas verde-amarelas nos braços, sinais que os distinguiam como brasileiros de pai e mãe. Foram aos poucos cercando o orador.

– Muito bem, padre Malheiros. O senhor está defendendo suas ideias, mas eu lhe peço que desocupe a passagem e siga seu caminho, pois este local é impróprio para discursos políticos.

Era a voz enérgica do Padre Reitor, que havia saído do Seminário disposto a dissolver a concentração e impedir desordens em seu domínio.

Talvez porque estivesse em minoria ou em respeito ao velho diretor do conhecido Seminário carioca, o padre Malheiros obedeceu e foi embora gesticulando.

– Menino, entre logo que você tem várias tarefas pela frente.

Joaquim Pedro obedeceu ao Padre Reitor, seu antigo professor e confessor. Foi reunir-se a outros seminaristas que se encontravam no pátio.

– Vocês acabaram de perder mais um discurso do padre Malheiros – disse Joaquim Pedro – e se não fosse a intervenção do Padre Reitor, já ia sair uma boa briguinha bem aí na frente.

– Pois é, Joaquim, enquanto nós estamos trabalhando aqui dentro, você sai e fica observando a situação lá fora – retrucou o pernambucano Severino Bezerra.

– Acho que não devíamos convidá-lo para a reunião que estamos planejando para esta tar-

de – completou, com ar meio brincalhão, outro amigo de Joaquim Pedro, o cearense Cláudio Manuel.

– Que reunião é essa, da qual não estou sabendo? – perguntou Joaquim Pedro.

– Ora, vamos apenas dar um pulo na livraria do senhor Evaristo da Veiga e conversar com ele – respondeu Severino.

– É claro que eu vou junto.

Joaquim Pedro não era propriamente liderança entre os alunos do Seminário. Apenas um pouco mais velho, amável, sério e dedicado aos estudos. Destacava-se por sua boa natureza. Como os seus amigos, fazia parte do grupo de jovens que liam e comentavam o *Aurora Fluminense*, o *Astrea* e o *Repúblico*, jornais que faziam severas restrições à política autoritária do Imperador.

Os três amigos conseguiram dar uma escapada na metade da tarde e seguiram para a rua dos Pescadores, onde se localizava a livraria de Evaristo da Veiga, editor e redator do jornal *Aurora Fluminense*.

O deputado e jornalista Evaristo da Veiga tinha 32 anos. A educação severa, somada a uma adolescência de trabalho e a um comportamento de vida disciplinado, dava-lhe a aparência de quarentão. Viu quando os jovens entraram e os cumprimentou:

– Mais uma vez recebo a visita dos futuros representantes oficiais da Igreja brasileira. Como vão vocês?

– Muito bem, obrigado – respondeu Joaquim Pedro. – Como vão as coisas, deputado?

– Vão mal. Acho que o Imperador está cada vez mais próximo dos absolutistas. A situação política do País vai piorar.

– Hoje pela manhã assisti a um rápido comício que o padre Malheiros fez na porta do Seminário. Fazia ameaças ao senhor. Disse que vão dar uma surra de pau nos liberais.

Evaristo da Veiga reuniu alguns papéis que estavam sobre a mesa e bateu de leve sobre eles com os nós dos dedos da mão direita.

– Sabemos do que se passa na cidade – disse, muito seguro e calmo. – É tudo por causa do regresso do Imperador.

– Mas isso não é para agora – observou Joaquim Pedro, que era mineiro de Serro Frio e conhecia as dificuldades de uma viagem de ida-e-volta à Província de Minas Gerais, os caminhos precários, aquele sobe-e-desce pelas serras.

Evaristo da Veiga informou:

– Pois saibam que o Imperador chegou na madrugada de hoje, com dores no fígado e nos rins. A viagem a Minas foi péssima para ele.

Os rapazes ficaram curiosos e iam fazer um verdadeiro interrogatório, mas o deputado levantou-se e pediu desculpas:

– Tenho um compromisso urgente e vou precisar fechar a livraria. Vamos conversar em outra ocasião. Quero lhes fazer uma recomendação: não aceitem provocações dos portugueses. Eles estão preparando uma grande festa de rua de desagravo ao Imperador e se não tomarmos cuidado, vai haver baderna. Voltem ao Seminário.

Os jovens foram andando de volta ao Seminário. Na rua da Quitanda, Severino Bezerra

chamou atenção para grupos de homens armados de cassetetes patrulhando o local, enquanto outros reuniam lenha para fogueiras e colocavam luminárias nas faixadas dos sobrados. Todos eram portugueses e comerciantes. Os Seminaristas foram vistos com desconfiança no local, mas não lhes fizeram perguntas.

Cláudio Manuel, cara de índio e bom de briga, começou a cantarolar baixinho uma musiquinha muito popular entre os brasileiros:

Marinheiro, pé de chumbo,

Calcanhar de frigideira,

Quem te deu a confiança

De casar com brasileira?

– Cala a boca!

Falou rapidamente Severino Bezerra:

– Se esta portuguesada resolver nos pegar, vamos ser massacrados.

– Que é isto, Cláudio? – completou Joaquim Pedro. – Para que ficar provocando?

– Sou eu quem estou provocando, não é? Sou eu quem está montando esta festa aqui no quarteirão português para ensinar a “cabra-lhada” a respeitar o Imperador? Para eles, nós brasileiros não passamos de “bodes”, “cabras”, “crioulos”, “moleques”. Eles se julgam os donos do Brasil.

Andando mais rápido, Joaquim Pedro respondeu:

– Calma, rapaz. Não se esqueça de que nós também estamos sempre xingando os portugueses de “fuças”, “marotos”, “marinheiros”,

“pés de chumbo”, “caramurus”. É preciso um pouco mais de maturidade política.

Severino Bezerra interveio:

– Maturidade, não é, Joaquim? Para você é disso que a Nação precisa, e não de um sólido governo constitucional, que possa construir um Brasil independente e soberano! Pense no despropósito deste país que há nove anos se tornou independente de Portugal, mas que ainda é inteiramente português. Português com a coroa na cabeça, português no ministério, por-

tuguês nas repartições públicas, português no comando do exército, português navegando a Marinha, português no comércio. É português para não acabar mais! E o pior de tudo é este Imperador que toma as atitudes disparatadas e está cada vez mais autoritário!

– Está bem, Severino, eu me rendo, mas vamos nos apressar para não perdermos o culto das seis. Venham mais rápido, senão o Padre Reitor vai nos castigar.

II

PRONTOS PARA A LUTA

No dia seguinte, na hora do almoço, Severino Bezerra seguia com Joaquim Pedro para o refeitório. Quando o viu calado, abriu a conversa:

– Acho que você está muito influenciado pela recomendação de Evaristo da Veiga. Escute, eu tive uma ideia hoje de manhã. Que tal nós procurarmos uma pessoa com visão diferente da situação política?

– Quem?

– Um sujeito corajoso, o Repúblico.

Severino Bezerra estava se referindo a Antônio Borges da Fonseca, jornalista paraibano, antigo redator dos jornais *Gazeta da Paraíba* e *Abelha Pernambucana*. Agora editava *O Repúblico* no Rio de Janeiro.

– E quem vai conosco? – perguntou Joaquim Pedro.

– O Claudio Manuel e mais nove companheiros.

– Está certo, vamos ver o que ele tem a nos dizer.

Antonio Borges da Fonseca descansou o corpo no pé esquerdo, flexionou a perna direita e examinou os doze rapazes que o procuravam. Como todos sabiam, ele não gostava de padre, aqueles homens de batina que benziam hóstias

e serviam docilmente ao Imperador e aos seus ministros. Por causa de seus artigos em *O Repúblico*, fora processado pelo governo do Imperador. Mas não conseguiram condená-lo. Ao contrário de Evaristo da Veiga, que defendia a legalidade constitucional, Antônio Borges da Fonseca queria mudanças mais profundas no regime político do País e sonhava com o fim da Monarquia.

Apesar da antipatia que sentia pelos homens da Igreja, Borges da Fonseca avaliou no melhor àquele grupo de jovens que estava em busca de orientação política. Indagou:

– Os senhores querem saber alguma coisa?

Quem iniciava a conversa era Joaquim Pedro. Desta vez quem abriu a discussão foi Severino Bezerra:

– Viemos apenas saber a opinião do senhor sobre esta festa dos portugueses e para contar as ameaças que ouvimos do padre Malheiros na porta do Seminário.

Observando curiosamente os olhos ameados e as maçãs do rosto de seu interlocutor e ouvindo os sotaques na pronúncia, Borges da Fonseca perguntou:

– Como é o seu nome, rapaz? Por acaso é pernambucano?

– Eu sou do Recife. Meu nome é Severino Bezerra.

– Bezerra! Você tem parentesco com Agostinho Bezerra?

O seminarista ficou triste e com os olhos baixos. Respondeu:

– Era meu tio.

Severino voltou-se em seguida para os colegas e disse:

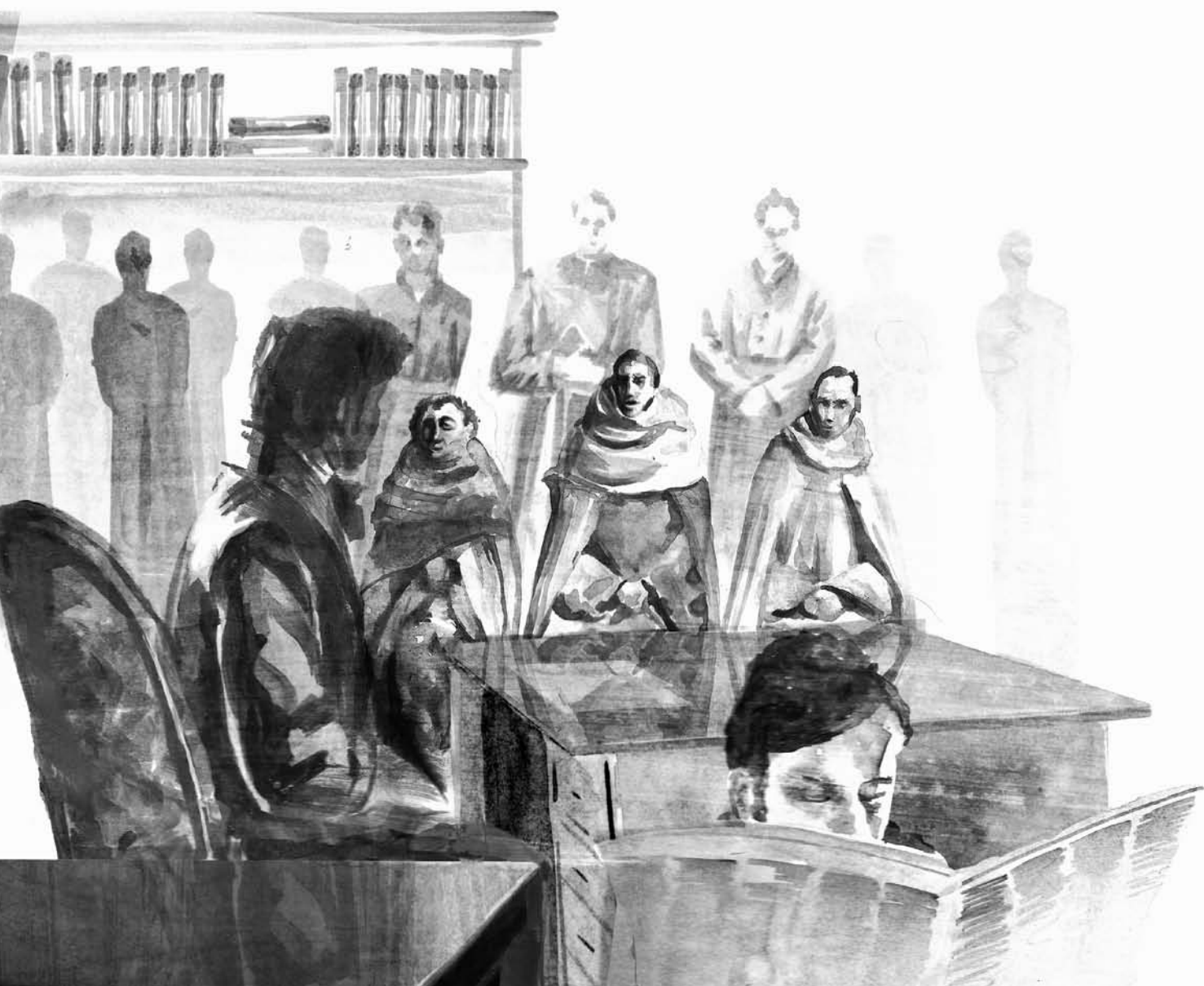
– Meu tio participou da Confederação do Equador, em 1824. Foi enforcado. O brigadeiro Lima e Silva quis poupá-lo, mas o Imperador não consentiu.

Fez-se silêncio.

Antonio Borges da Fonseca saiu da posição de descanso e deu passadas largas e animadas. A lembrança dos mártires da Confederação do Equador, alguns mortos no Rio de Janeiro, outros no Recife, e a gigantesca presença do genial Frei Caneca no movimento, deixaram Borges da Fonseca emocionado. Procurou disfarçar o que sentia para não constranger os rapazes. Arrumou algumas cadeiras na sala, pequena e feia, e pediu que todos se sentassem. Em seguida perguntou:

– Quem dos senhores escutou o padre Malheiros?

– Fui eu, senhor – adiantou-se Joaquim Pedro.



– E fazia ameaças?

– Diretas. Prometia dar uma surra de pau nos liberais.

– De pau, heim? – riu Borges da Fonseca.
– É o que veremos.

Voltou a andar de um lado para o outro como se refletisse e parou na frente dos seminaristas.

– Tudo isso é por causa da volta do Imperador – disse e continuou:

– A viagem de Pedro I a Minas foi um fracasso. Meu jornal a comentou desde que o Imperador saiu do Rio no dia 29 de dezembro do ano passado. E os senhores sabem que ele foi mal recebido. Em toda parte, as igrejas fizeram os sinos tocar como se fosse Dia de Finados e realizaram exéquias pela morte de Líbero Badaró. Mas agora os caramurus querem esconder o fiasco e transformar este regresso do Imperador em sucesso, talvez até no golpe absolutista que eles tramam.

Antes que continuasse falando, Cláudio Manuel o interrompeu:

– O senhor conheceu Líbero Badaró?

– Sim, um pouco. Era um cidadão do mundo, um médico italiano que se fez jornalista e chegou a São Paulo quando o Brasil ainda lutava pela sua emancipação. Com o pouco dinheiro que trazia, fundou *O Observador Constitucional* e exerceu sua crítica liberal. Os partidários de Pedro I precisavam fazê-lo desaparecer. Como vocês sabem, foi assassinado a tiros na porta de seu jornal em 20 de novembro passado. Não temos provas de que o Imperador ordenou o atentado, mas é claro que teve alguma participação. Podem estar certos disso!

Borges da Fonseca viu que crescia o entusiasmo no rosto de sua pequena plateia, e continuou num tom inflamado:

– O País está se esfacelando, rapazes. Vocês estão vendo que esta crise econômica devorou nossas finanças e acabou o Banco do Brasil. As Províncias não se entendem e nossa política externa é um desastre. Basta ver o que foi a Guerra da Cisplatina para sentir como temos sido pessimamente dirigidos. Este Imperador vem prestando mais atenção ao que está acontecendo em Portugal do que dentro das fronteiras do Brasil. Dom Pedro e esse estúpido grupo absolutista português não percebem que o mundo está mudando. Na Europa, os liberais estão enchendo as praças e as ruas. Estes portugueses querem forçar o Governo a se tornar monarquia absoluta. Para quem consegue ver mais do que um palmo diante do nariz, está presente uma situação que só se resolve pela revolução. O Imperador não dá a menor atenção aos reclamos da opinião pública. Pois muito bem, chegou a hora dos cidadãos brasileiros agirem. Chega de Pedro II!

Os rapazes levantaram-se. Borges da Fonseca tinha feito vibrar aqueles seminaristas e iria levá-los à luta.

– Como podemos participar? – indagou entusiasmado Severino Bezerra.

– Voltem para o Seminário e me encontrem amanhã à noite em pleno quarteirão português, na rua Direita.

Na maior animação, os seminaristas foram embora vibrando com as instruções do jornalista. Até mesmo o comedido Joaquim Pedro estava pronto para a briga.



III

A NOITE DAS GARRAFADAS

Ao amanhecer do dia 13 de março de 1831, a cidade parecia uma bomba pronta para explodir. Grupos andavam pelas ruas dando vivas à independência e à soberania do Brasil.

No quarteirão português (ruas do Rosário, dos Ourives, da Quitanda, Direita, das Violas etc.), o silêncio era completo. Os portugueses estavam recolhidos e quietos como se estivessem preparando uma grande surpresa. Nem bem havia terminado a tarde, o quarteirão inteiro despertou: fogueiras, luminárias, foguetes, gente, muita gente bradando contra os brasileiros, contra os “cabras” e os “moleques”.

Algumas horas depois, não somente doze, mas agora dezoito seminaristas com suas batinas desceram a rua Direita e foram encontrar o

grupo à frente do qual estava Antônio Borges da Fonseca. Não se falaram.

– Vamos em frente! – comandou Borges da Fonseca.

Os portugueses deixaram que os “cabras” se aproximassem. Quando estavam bem próximos, inesperadamente fizeram chover sobre eles, de todas as varandas, de todas as portas, de todas as janelas e de todos os telhados, milhares de garrafas e cacos de vidro.

O sangue espirrou. Testas, cabeças, pescoços sangrando, golpeados pelos vidros. Gritos, gemidos.

E a portuguesada, de cacete em punho, avançando e malhando, malhando como se malha o Judas em Sábado de Aleluia. Os feridos, jogados no chão, eram chutados e pisoteados.

Os seminaristas viram-se no meio de um verdadeiro inferno e tentaram furar o cerco correndo pela rua da Quitanda. Quase em seguida à chuva de cacos de vidro, enxergaram o padre Malheiros à frente de uma patrulha da Polícia.

– É o padre Malheiros! – gritou Joaquim Pedro.

O padre e seus seguidores berravam:

– Viva o Imperador absoluto! Morram os “cabras”! Viva o heróico povo português! Morram os liberais!

Nas ruas paralelas, as pessoas fechavam desesperadamente as portas e janelas. Faziam barricadas com móveis e procuravam se esconder. Os portugueses iam de casa em casa forçando as portas.

– Vão atirar! – avisou Severino Bezerra.

– Olhe lá! – gritou Joaquim Pedro. – Acho que atingiram Borges da Fonseca!

– Não é ele, não – respondeu Cláudio Manuel. – O Repúblico já vai adiante.

Os seminaristas procuravam responder com pedradas e cacos de garrafas à saraivada de balas.

– Vamos recolher os feridos que estão no meio da rua! – gritou Severino Bezerra, que se ergueu com outros três colegas.

Joaquim Pedro sangrava no ombro e no supercílio e atirava pedras contra os portugueses.

Borges da Fonseca estava encostado na parede de uma casa quando ouviu uma bala encravar-se a alguns centímetros de seu corpo. Olhou rápido para uma janela aberta e berrou:

– É o Imperador atirando daquela casa.

Os seminaristas foram recuando e conseguiram escapar daquele trecho da rua da Quitanda. Reencontraram Borges da Fonseca, que amparava um companheiro banhado em sangue. O jornalista estava desfigurado. As roupas rasgadas, as mãos queimadas, o rosto negro de carvão.

– Era Dom Pedro quem estava atirando?

– perguntou ao jornalista o exausto Joaquim Pedro.

– Eu tenho certeza de que era, mas nunca vamos ter provas! Agora tratemos de sair daqui o mais rápido possível. Corram!

No dia seguinte, a cidade acordou aterrorizada. Os portugueses dominavam todos os bairros, ameaçando, provocando. Não respeitavam ninguém. Vários políticos brasileiros tiveram as suas casas assaltadas. Um punhado de “pés-de-chumbo” tomou posição na frente da redação do *Aurora Fluminense*. Queria a presença de Evaristo da Veiga para agredi-lo. Como não o encontrou, seguiu para a sua casa e crivou a fachada de pedradas e balas. No Rio de Janeiro inteiro circulava o boato de que Pedro I estava com os baderneiros.

Em reunião na residência do deputado José Custódio Dias, 24 brasileiros resolveram mandar uma representação ao Imperador. Exigiam reformas e providências. Evaristo da Veiga foi encarregado de redigi-la. Dizia:

As circunstâncias são as mais urgentes e a menor demora pode, em tais casos, ser funestíssima. A confiança que convinha ter no governo está quase de todo perdida, e se porventura ficarem impunes os tentados (...) importará isso uma declaração ao povo brasileiro de que lhe cumpre vingar ele mesmo por todos os meios sua honra e brio tão indignamente maculados. (...) A ordem pública, o responso do Estado, o trono mesmo, tudo está ameaçado se a representação (...) não for atendida e os seus votos completamente satisfeitos.

Pedro I procurou formar um novo ministério no dia 19 de março. Deveria ser composto de elementos “neutros”. Ficou conhecido como “ministério brasileiro”. Não resolveu a

crise. Fizeram contatos com a tropa através dos seus comandantes. Os irmãos Lima e Silva, três oficiais de grande prestígio no Exército, aproximavam-se cada vez mais da oposição. Já

aparecia no horizonte uma articulada união entre o povo e a tropa. O Imperador e o Primeiro Reinado estavam naufragando.



IV

NO ANIVERSÁRIO DA CONSTITUIÇÃO

Os alunos do Seminário de São Joaquim saíram pouco às ruas na semana de 14 a 21 de março de 1831. Além de feridos, em consequência da Noite das Garrafadas, estavam indecisos sobre a atitude a assumir dali em diante. Como se não bastassem os ferimentos físicos, foram punidos e cumpriram duras penitências impostas pelo Padre Reitor.

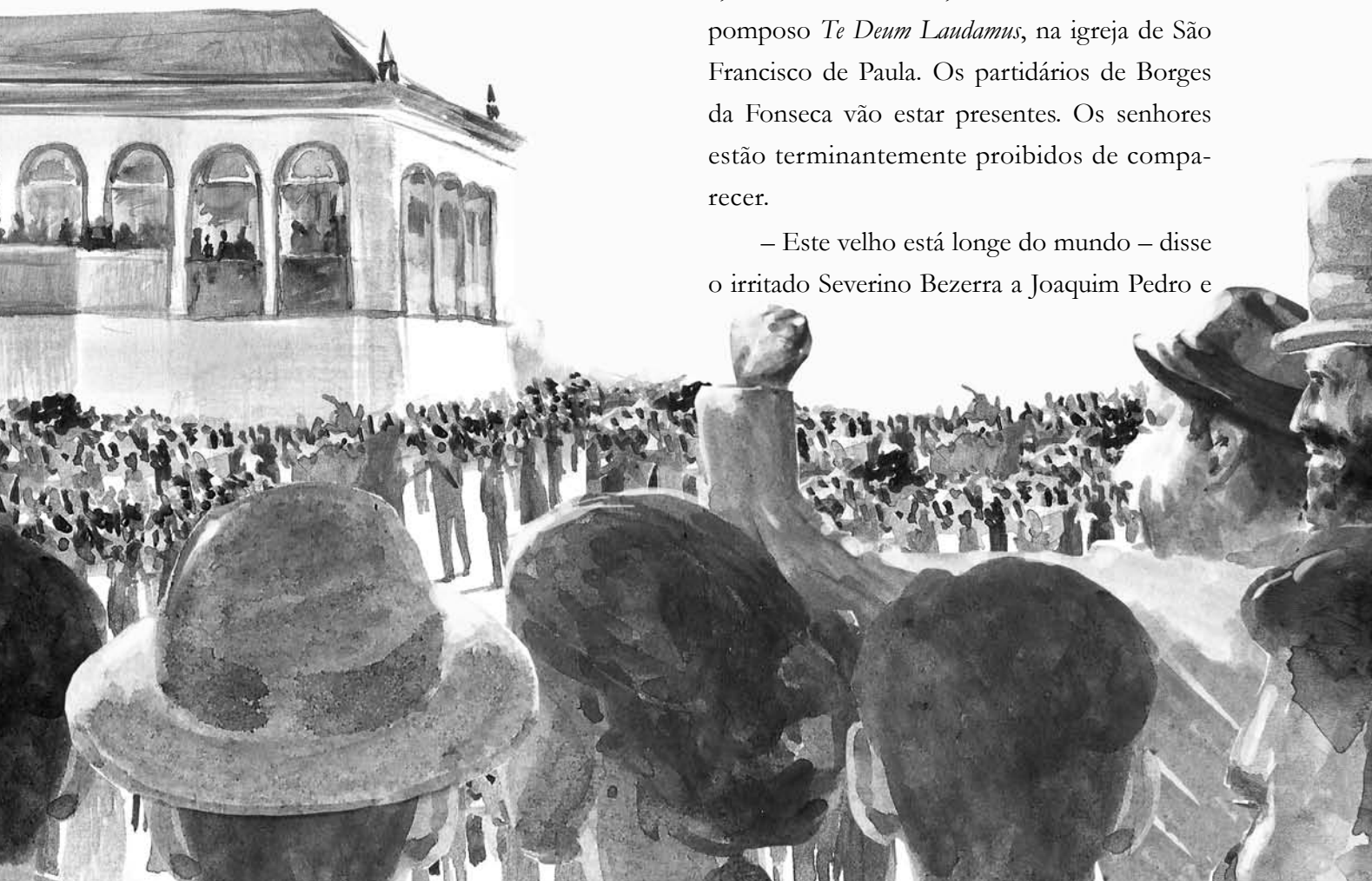
– Vocês não tinham o direito de envolver o nosso Seminário em arruaças e brigas de rua! Até mesmo o Senhor Bispo já soube da participação escandalosa de vocês e me passou uma longa reprimenda. Imaginem, na minha idade,

ter de engolir isso como se eu fosse um menino!

Sentado em sua cadeira, atrás da única mesa de seu gabinete, o Padre Reitor ia falando e fitando cada um dos rapazes que convocara. Olhando particularmente para Joaquim Pedro, continuou:

– Alguns de vocês vão ser ordenados este ano e ainda é tempo de se decidirem: ou continuam com seus estudos e orações ou vão embora daqui. Agora saiam e cumpram suas penitências. Mas, antes, um último aviso: no dia 25 vão festejar o aniversário da Constituição e, como vocês sabem, a festa constará de um pomposo *Te Deum Laudamus*, na igreja de São Francisco de Paula. Os partidários de Borges da Fonseca vão estar presentes. Os senhores estão terminantemente proibidos de comparecer.

– Este velho está longe do mundo – disse o irritado Severino Bezerra a Joaquim Pedro e



Cláudio Manuel enquanto caminhavam através do pátio em direção ao refeitório.

– Quanto a mim, estou mesmo de partida. Vou voltar para o Ceará – revelou Cláudio Manuel.

– Por que isto, meu companheiro? – perguntou Joaquim Pedro.

– Não é por causa do Padre Reitor. É meu pai que está muito doente em Fortaleza e me mandou uma carta pedindo o meu regresso. Sinto não poder continuar mais alguns dias por aqui. Tenho de tentar pegar um navio que zarpa amanhã mesmo. As passagens estão muito difíceis.

– E você fica por lá? – indagou Severino.

– Acho que sim. Desisti de ser religioso. Temos um pequeno armazém no Ceará. Vou tomar conta dele se meu pai não puder mais trabalhar. E, quem sabe, não acabo entrando para a política?

– E por que você não luta por um dinheirinho e monta um jornal em sua Província? Ia ser bom aparecer outro Borges da Fonseca – arrematou Severino Bezerra.

– E você, Joaquim, não diz nada? – continuou Severino.

– Dizer o quê, Severino? O Cláudio vai embora; você, pelo jeito, daqui a pouco abandona o Seminário e eu confesso que estou confuso não só quanto à minha vocação, mas também sobre o partido a tomar entre os senhores Evaristo da Veiga e Borges da Fonseca.

– Há muita diferença entre os estilos de cada um – ponderou Cláudio.

– Não é só de estilo, não – retrucou Severino. – Os homens que acompanham Evaristo

da Veiga querem salvar a Monarquia e aperfeiçoar o sistema Monárquico Constitucional. Os políticos da Assembléia Geral e os figurões que mandam nas Províncias querem apenas que respeitem a Constituição. O próprio Evaristo não escreve um artigo sem dizer que tudo que exigem é a lei e a ordem.

– E você discorda dele, Severino?

– Não sei, mas acho que o povo que está com Borges da Fonseca quer algo mais profundo, chegando até a República. Algo que possa fazer a população livre participar mais da vida do País. Isto me parece mais bonito do que esta Monarquia portuguesa.

Cláudio Manuel viajou no dia 24. No dia seguinte, Severino Bezerra puxou Joaquim Pedro pelo braço e disse-lhe:

– Nós temos de ir ao Campo de Santana, ver a festa de aniversário da Constituição.

– Fizemos promessa ao Padre Reitor. Mais um deslize e estaremos expulsos do Seminário.

– Não seja bobo, Joaquim Pedro! Será um acontecimento que não se pode perder.

Joaquim Pedro concordou e seguiu com o amigo.

Naquela tarde, os batalhões se alinhavam no Campo de Santana. Chegava mais gente para ver o desfile. Destacavam-se, na multidão, os que portavam laços verde-amarelos. Viam-se alguns oficiais com fitas verde-amarelas em suas fardas.

Pouco depois das quatro, o sol quebrando, o Imperador apareceu na sacada do Palácio. Era a primeira vez que Pedro I aparecia em público depois do seu retorno de Minas Gerais. Aquela figura pálida, macilenta e pesadona

era diferente do jovem arrebatado que há nove anos fora aclamado Imperador Constitucional do Brasil.

Dom Pedro estava ao lado da jovem Imperatriz, Dona Amélia de Leuchtenberg, e dos ministros designados em 19 de março.

Ouviu-se um longo e vivo aplauso. Era para o Batalhão de Artilharia que abria a parada.

– Viva o batalhão brasileiro! – gritou um estudante.

– Viva! – responderam centenas de vozes.

O batalhão seguinte foi vaiado. Era aquele no qual os brasileiros localizavam posições favoráveis ao absolutismo. Vaiavam olhando para o Imperador.

Como se aquilo não tivesse a menor importância, Dom Pedro conversava com as pessoas que o rodeavam na sacada do palácio. Parecia que não tomava conhecimento dos vivas e das vaias.

– Ele ainda está muito forte – comentou Joaquim Pedro.

– É o que aparenta, mas as aparências enganam – respondeu Severino Bezerra.

– Ouvi dizer que ele não foi convidado para o culto religioso na igreja de São Francisco de Paula. Será que vai?

– Não sei, mas nós vamos, Joaquim. Veja a parada: está quase terminando e a igreja já está cheia. Vamos.

O *Te Deum* estava quase no meio quando entraram Dona Amélia, os ministros e Pedro I.

A assistência ficou surpresa. De repente alguém gritou:

– Viva Dom Pedro I enquanto for constitucional!

Dom Pedro quase gritou:

– Sempre fui e hei de ser constitucional!

Virou-se e encarou Frei Montealverne, que começava o sermão:

– Deus detesta a tirania e desaprova os tiranos.

Silêncio. O frade orador estava falando a linguagem dos brasileiros e era fácil constatar a satisfação na fisionomia de Evaristo da Veiga, do senador Vergueiro, do deputado Odorico Mendes e de outros notáveis.

– Vai haver barulho – sussurrou Joaquim Pedro para Severino Bezerra.

O *Te Deum* concluiu-se em paz. Aparentando profundo cansaço, ou doença, D. Pedro saiu da igreja e escutou vivas à soberania do Brasil, à Constituição e à liberdade. Fez um gesto indefinido com o chapéu, montou no cavalo com deselegância e voltou ao Campo de Santana, onde ia ocorrer uma queima de fogos.

– Vamos para o quartel dos artilheiros – convidou Severino a Joaquim Pedro.

– Não. Agora chega. Temos de voltar ao Seminário e não deixar o Padre Reitor descobrir nossa escapada. Você vai comigo nem que eu tenha de carregá-lo.

Não daria para Joaquim Pedro cumprir o que dissera. O amigo era do seu tamanho, talvez um pouco mais forte. Severino concordou:

– Está bem, mas estou me convencendo cada vez mais de que meu lugar não é no Seminário, benzendo nuvens e papando hóstias.

– Olha a blasfêmia – comentou com um sorriso largo o mineiro Joaquim Pedro.



MORTE EM ABRIL

O mês de abril trouxe chuvas e mais confusão para o Rio de Janeiro. Nas esquinas, nas ruas e nas praças continuavam ocorrendo distúrbios, comícios e passeatas. Logo se transformavam em pancadaria.

Uma procissão serviu no dia 1º para outra demonstração de desagrado ao Imperador. Ele viera para a janela do palácio, de acordo com a tradição, e, embora vissem que era Sua Majestade D. Pedro I quem estava ali, todos passaram sem tirar os chapéus. Quase em seguida, correu

a notícia do assassinato de um brasileiro por um grupo de portugueses, o que levou dezenas de pessoas à frente do Arsenal de Guerra, onde ficaram gritando e pedindo vingança. O briga-



deiro Francisco de Lima e Silva seguiu para o Largo do Moura. Foi assegurar-se da disciplina nos quartéis e solicitar ao Imperador que deixasse o Palácio de São Cristóvão e se recolhesse à Quinta da Boa Vista.

Dom Pedro concordou. Estava se transformando num ser sombrio nas palavras e nos gestos. Parecia uma criatura que afundava na desgraça.

A manhã do dia 4 de abril ainda estava na metade quando Severino Bezerra encontrou seu amigo:

– Você já soube das notícias de levantes armados em quartéis da Bahia? E tem mais, o Imperador desistiu de convocar a Assembleia Geral Legislativa e vai comemorar hoje o aniversário da rainha de Portugal com beija-mão, concerto e grande ceia.

– Mas ele não estava chamando os deputados que estavam de férias nas Províncias? – questionou Joaquim Pedro.

– Estava, mas não está mais. Parece que o homem confia mesmo é na chegada do Batalhão de Santa Catarina e no ministro da Guerra, general José Manuel de Moraes, para garantir cacetadas em quem continuar se manifestando contra o Governo.

– A coisa vai realmente muito mal, não é, Severino? Diga-me: você já tomou uma posição definitiva quanto ao Seminário? – perguntou Joaquim Pedro.

– Já – respondeu o amigo. Não tenho vocação religiosa. Vim para atender a minha mãe, mas não suporto mais esta disciplina e este distanciamento que o Padre Reitor nos impõe. Se antes eu não tinha esta certeza, tudo o que

vivemos durante os últimos tempos me fizeram perceber que meu lugar não é aqui.

– E o que você vai fazer? – perguntou Joaquim Pedro.

– Por enquanto vou procurar trabalho para me manter. Dependendo de como ficarem as coisas, acho que vou voltar para o Recife. Penso que poderei ser útil a minha gente. De qualquer modo, eu acabo de me reunir com alguns amigos de Borges da Fonseca e já estou participando das centúrias.

– Não me diga que você vai ficar por aí patrulhando as ruas e fazendo bagunça!

– Não é nada disso, Joaquim. Você até parece o Padre Reitor! Deixe de bobagens! As centúrias são grupos organizados e disciplinados de patriotas brasileiros que querem impedir a baderna e a confusão provocada pela portuguesa.

– Você vai ficar nas ruas hoje à noite, não é, seu malandro?

– Vou, mas de forma disciplinada e ordeira, ouviu, papa-hóstias? – respondeu o pernambucano.

Continuou conversando animadamente com o amigo.

A noite foi mais um desastre para o Imperador. Dom Pedro decidira comemorar o aniversário de sua filha Dona Maria II, a rainha-menina de Portugal, nascida no Brasil e no mesmo Palácio de São Cristóvão.

Às 11 horas da noite, quando os salões do palácio estavam em plena animação, chegou a notícia de grandes distúrbios na cidade, com feridos e mortos. Dom Pedro gritou para o ministro da Guerra:

– Saia e vá manter a ordem!

O general respondeu:

– Não se pode fazer nada, Majestade.

– Não podem fazer nada?! Como não podem?! – gritou o Imperador do Brasil.

– Simplesmente porque não seremos obedecidos. A tropa está com os brasileiros.

O general fez continência e retirou-se.

Por alguns instantes pareceu aos presentes que D. Pedro iria ter um ataque. Mas ele se recompôs, virou as costas e afastou-se do salão.

No dia seguinte pela manhã espalhou-se na cidade uma notícia surpreendente: o ministério havia sido demitido. Pior: Dom Pedro montara o novo com absolutistas, gente que se compunha com portugueses. Lá estavam o Marquês de Paranaguá, o mesmo da dissolução da Constituinte em 1823, Baependi, Inhambupe, Aracati, o Conde de Lajes e o Visconde de Alcântara. Tomado de violenta ira, Dom Pedro havia conseguido realizar uma proeza. Em meio a mais grave crise institucional do Primeiro Reinado, nomeou um ministério impopular.

O Rio de Janeiro tomou o aspecto de formigueiro. As ruas encheram-se de pessoas das mais variadas origens: funcionários públicos, políticos, estudantes, desocupados, padres e escravos. Em esmagadora maioria, quase todos traziam algum tipo de arma – facas, navalhas, cacetes, barras de ferro, pistolas e bacamartes. Desta vez sentia-se que não era apenas uma simples desordem popular que estava rebentando, mas sim uma grave e profunda reação da população.

A exigência básica era a recomposição do ministério deposto. Corriam boatos de prisões

de políticos famosos. A gritaria era ensurdecedora:

– Viva a liberdade!

– Viva Evaristo da Veiga!

– Morram os “pés-de-chumbo”!

– Viva o general José Manuel de Morais!

– Morra Paranaguá!

– Morra o novo Ministério!

A multidão gritava uma frase que acabaria sendo a mais realista de todas:

– Viva Dom Pedro II!

O Palácio de São Cristóvão estava transbordando de gente ao meio-dia de 6 de abril. O parque cheio de carruagens, os salões abertos davam a impressão de uma colméia alvoroçada. O novo Ministério, os políticos amigos do Governo, as damas da Corte, criados, guardas, parentes dos serviçais agitavam-se pelas salas... A concentração popular era grande no Campo de Santana.

Um grupo de alunos do Seminário preparou-se para sair em direção ao Campo de Santana.

Joaquim Pedro estava à frente e foi o primeiro a ver um jovem cruzar a porta em desabalada carreira.

– O que foi, rapaz? – indagou Joaquim Pedro.

Segurava o rapaz pelo braço.

– Eu preciso falar com o Padre Reitor. Mataram um aluno do Seminário e me mandaram avisar!

Joaquim Pedro ficou quase transparente de tão pálido. Perguntou:

– Como é o nome desse seminarista morto?

– Acho que é Bezerra, Severino Bezerra.
– E onde ele está? – perguntou Joaquim Pedro.

– Na rua dos Pescadores. Levaram o corpo para a livraria do senhor Evaristo da Veiga.

– Vão para o Campo de Santana! – gritou Joaquim Pedro para os colegas. E correu para a rua dos Pescadores.

Dois homens feridos estavam com Severino Bezerra morto, estirado em cima de uma tábua no chão da livraria.

Joaquim Pedro ajoelhou-se junto ao amigo, o melhor amigo que conhecera e tivera em

toda a sua estada no Rio de Janeiro. Dirigiu-se aos homens:

– Como aconteceu isto?!

– Ele estava com uma centúria no fim da rua da Quitanda. Os homens estavam procurando manter a ordem e garantir a passagem das pessoas pelo quarteirão português. De repente os “pés-de-chumbo” começaram a atirar pedras e abriram fogo. Quase ninguém se feriu, mas o rapaz teve o azar de ser atingido no coração por uma bala perdida. A morte foi imediata.

VI

ABDIÇÃO

Joaquim Pedro perdeu a noção do que estava acontecendo. Ele se lembraria mais tarde ter ficado um tempo indefinido chorando junto ao amigo assassinado. Levantara-se depois e saía caminhando à toa pelas ruas. Quando voltou à plena consciência, estava no meio da multidão, já tarde da noite, no Campo de Santana, com a batina rasgada, as mãos machucadas e pequenas escoriações pelo corpo como se tivesse passado a tarde brigando nas ruas.

O que não podia saber é que desde o meio-dia delegações haviam sido enviadas ao Imperador para exigir-lhe as reformas necessárias. Primeiro, uma comissão de juízes de paz; depois, à noite, Francisco de Lima e Silva. Dom Pedro não cedera: não reintegraria o ministério demitido, principal reivindicação do povo e da tropa.

Era quase impossível distinguir-se no Palácio alguma coisa no meio dos murmúrios, conspirações, conversas apressadas e vozes veladas. O Marquês de Paranaguá insistia em que tudo não passava de baderna – o Imperador poderia aparecer à frente dos amotinados e restabelecer a ordem com sua “simpatia” pessoal. Ou então deveria despachar imediatamente uma forte carga de cavalaria para castigar os desordeiros no Campo de Santana.

De repente, subiu um bater de tambores e um rumor de tropa marchando.

Todos correram para as janelas. Era o Batalhão do Imperador partindo em marcha batida para o Campo de Santana. Ia confraternizar-se com os revoltosos.

Novos sons de cornetas e tambores ressoaram minutos depois entre as árvores do parque. Era a Artilharia Ligeira que se deslocava para acompanhar o Batalhão do Imperador. Seguia junto à última defesa do Palácio, a Guarda de Honra.

Pedro I arriou num sofá. Disse para os ministros que vieram cercá-lo:

– Viram? Não há mais nada a fazer! O Brasil não me quer. Para os brasileiros eu sou apenas um estrangeiro. Todos me abandonaram!

Pouco a pouco, como se fossem ratos escapando de um navio naufragado, os cortesãos foram abandonando o palácio. Sabiam que corriam perigo ao lado do Imperador derrotado...

À meia-noite, enviado pelo brigadeiro Francisco de Lima e Silva, chegou ao palácio o major Miguel de Frias e Vasconcelos. Entrou, esbarrando em criados e serviçais que carregavam malas e baús para carruagens alinhadas no pátio. Dirigiu-se para uma sala iluminada. Ali

estavam o Imperador e os representantes Aston, da Inglaterra, e Pontois, da França.

– Majestade, o brigadeiro Lima e Silva manda dizer que a situação é gravíssima. Há necessidade urgente de atender a exigência do povo e da tropa: a reintegração do ministério.

Dom Pedro despachou o major:

– Diga ao povo e à tropa que façam o que quiserem. O ministério é o que está nomeado e eu não volto atrás. Nem que me esfolem. Prefiro abdicar.

Os ministros mais lúcidos pediram ao major que esperasse mais um pouco, pois iam conversar com o Imperador. Ao mesmo tempo ficaram perguntando como estava a situação no Campo de Santana.

– No Campo está a cidade inteira – respondeu o major –, todo mundo armado!

– E as tropas?

– Lá estão todos os corpos, sem faltar um só.

– E é verdade que as forças pretendem vir atacar o Palácio?

O major deu um sorriso fino e arrepiante, antes de responder:

– Se ainda não vieram, é porque nós as temos contido. E foi para evitar que elas venham que o brigadeiro Lima e Silva me mandou falar com o Imperador.

– Ai, Jesus! – gritou um cortesão que escutava antes de cair desmaiado.

A confusão era enorme. Dom Pedro, conferenciando com os ministros, mandou chamar com urgência o senador Vergueiro, que não foi encontrado. Esperava tentar uma última cartada, formando um novo ministério com a chefia

de Vergueiro. Por fim, vendo-se perdido, dirigiu-se aos ministros da França e da Inglaterra:

– Peço que me conduzam à Europa nos navios de Vossas Excelências.

O major mandou avisar que já era alta madrugada e que iria embora.

O Imperador gesticulou fortemente, os olhos congestionados e gritou para os ministros:

– Que querem vocês que eu faça? Que os revolucionários me venham depor aqui no palácio? Depor e talvez prender-me para dar cabo de mim? Nunca!

E num rompante atravessou a porta do gabinete de despachos, apanhou a caneta, molhou a pena e escreveu durante alguns minutos. Voltou com uma folha de papel na mão. Aproximou-se de Miguel de Frias:

– Eis aqui, major, a minha resposta. Leve-a aos revolucionários. É minha abdicação.

E leu, emocionado:

– Usando do direito que a Constituição me concede, declaro que hei, muito voluntariamente, abdicado na pessoa do meu muito amado e prezado filho Senhor Dom Pedro de Alcântara. Boa Vista, 7 de abril de 1831, décimo da Independência e do Império. Dom Pedro I.

Miguel de Frias apanhou o papel e saiu rápido em direção ao pátio. Subitamente o Marquês de Paranaguá tentou segurá-lo e exigiu:

– Por favor, dê-me este papel!

– Não dou, e tire as mãos de mim!

– Mas eu me comprometo e trazer-lhe, dentro de alguns minutos, outra resolução do Imperador, solução que irá agradar inteiramente ao povo. Espere-me apenas um

instante. Pelo amor de Deus! – O suplicante Marquês só faltava chorar.

O major não lhe deu a menor confiança. Saiu, montou e esporeou o cavalo.

Já entrou no Campo de Santana agitando o papel:

– O Imperador abdicou!

Aquele grito movimentou a multidão, que refluiu como uma enorme onda. Sobre ela viajou a notícia: “Abdicou! Abdicou!”.

A massa popular espalhou-se pela cidade. Embriagada de alegria, saiu pelas ruas em busca de portugueses. O quarteirão português foi invadido, assaltado, esbordado. Com taponas, murros, cacetadas, “os cabras” se vingaram dos “pés-de-chumbo”, desforrando-se da Noite das Garrafadas. Foram à desforra no Rio de Janeiro, nas Províncias, no Brasil inteiro.

O dia já havia amanhecido quando o velho Padre Reitor recolheu, meio desesperado, um jovem cambaleante que cruzou o portão do Seminário. Imundo, coberto de sangue, quase despido e descalço, o rapaz segurava firme na mão direita uma barra de ferro manchada de sangue e com pedaços de couro cabeludo nela grudados.

O padre custou a perceber que debaixo daquela sujeira toda estava seu melhor aluno, o futuro padre Joaquim Pedro. Quando conseguiu segurá-lo, ouviu um baixíssimo murmúrio dito pelo jovem:

– Ele está vingado, padre. Está vingado...





VII

BOA NOITE, PADRE

Delirando de febre, coberto de curativos, Joaquim Pedro passou uma semana entre a vida e a morte. Só voltou à consciência no fim da tarde de 13 de abril, exatamente no mesmo dia em que Dom Pedro seguiu viagem para a Europa.

Joaquim Pedro reuniu forças para conseguir conversar com o Padre Reitor, ao seu lado sentado em um banquinho.

– Padre Reitor, acho que voltei da morte!

– E voltou mesmo, meu filho.

De repente veio-lhe a lembrança do amigo assassinado e, sem que tivesse de perguntar, o Padre Reitor explicou:

– Já foi enterrado em campo santo, como se faz com um bom cristão. Não se preocupe, pois cuidamos de tudo e todos os alunos do Seminário compareceram à cerimônia.

– E o que aconteceu depois daquela noite terrível, padre?

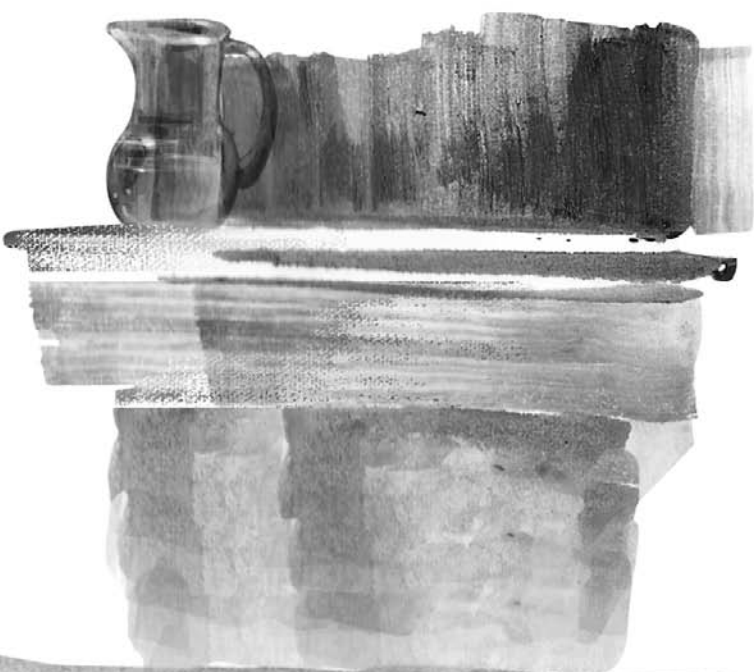
– Você nem bem consegue falar e já quer saber de política. Não basta toda a tragédia que você passou?

– Por favor, senhor! Eu gostaria de saber.

– Pois bem. O Imperador foi para um navio inglês. Ficou esperando sete dias no porto e só hoje conseguiu seguir para a Europa. Parece que vai para Cherburgo, na França, junto com a Imperatriz.

– Mas como ficou o Governo? E a cidade, como está?

– Calma, muito calma. Vá tomando a sopa, e eu lhe contarei tudo que sei. Os políticos e os militares encontraram uma solução constitucional. Com a renúncia de Pedro I, visto ter o menino Pedro de Alcântara apenas pouco mais de cinco anos, o poder passou para o Parlamento. Como você sabe, segundo a Constituição, está previsto também que, nessa situação, a Assembleia Geral (Câmara e Senado) deve eleger uma Junta de três regentes, à qual cabe exercer o governo até o príncipe herdeiro completar



18 anos. Como o Parlamento estava de férias, um grupo de deputados e senadores reuniu-se no edifício do Senado e votou uma Regência Trina Provisória: Francisco de Lima e Silva; o comandante de Campos, Marquês de Caravelas; e o senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro. Pelo que ouvi, eles vão ficar governando até o dia 16 de junho deste ano; depois vai ser feita uma eleição para escolher outros três regentes.

– E todo mundo aceitou esta solução?

– Não sei exatamente como está a situação nas Províncias, mas tenho a impressão de que a Regência Trina Provisória tem boa aceitação.

– E a situação aqui no Rio de Janeiro?

– Você nem pode imaginar como esteve esta cidade, meu filho. É claro que você passou pela noite do 7 de abril, mas o pandemônio cresceu ainda mais. Grupos de desordeiros percorreram as ruas, assaltando, depredando, ferindo, incendiando, matando. Não havia polícia para contê-los. Acabaram improvisando batalhões de funcionários públicos, estudantes, médicos e até de políticos. Agindo junto com o Exército, foram aos poucos contendo a fúria dos desordeiros.

– Mas nem todos deviam ser simples arruaceiros, como o senhor diz. Do pouco que eu me lembro daquela noite, o que havia era gente simples, pobres que queriam participar mais.

– Não vou discutir isso com você! Aliás, já falei tudo que queria saber. Chega de política! E quanto a você, rapaz, assim que sarar, vamos estudar muito bem se não será o caso de o expulsar do Seminário!

– Desculpe, Padre Reitor. Eu sei que pelas minhas faltas mereço a expulsão, mas se depender só de mim, minha decisão é mesmo o sacerdócio. Aqui, nesta cama, eu tenho absoluta certeza de que quero servir a meus semelhantes como sacerdote. Confie em mim, senhor. Eu tenho certeza de que nunca mais vou decepcioná-lo.

– Está bem! Agora, durma. Você tem de recuperar as forças para poder enfrentar todas as penitências que vou lhe dar.

O velho Padre Reitor retirou a tigela vazia das mãos de Joaquim Pedro e ajeitou o cobertor do rapaz.

Devagar, saiu do quarto e, antes de fechar a porta, falou:

– Boa noite, padre.

Joaquim Pedro olhou com surpresa para o velho mestre que se afastava. Depois, com lágrimas nos olhos, ficou rezando por seu amigo Severino.

Colofão

Formato *A4*

Fonte *Garamond e Dauphin*

Papel *Cartão Supremo 300g/m² (capa)*

Alcalino 75g/m² (miolo)

Impressão *Cian Gráfica*

Tiragem *400 exemplares*

– Viram? Não há mais nada a fazer! O Brasil não me quer. Para os brasileiros eu sou apenas um estrangeiro. Todos me abandonaram!

Pouco a pouco, como se fossem ratos escapando de um navio naufragado, os cortesãos foram abandonando o palácio. Sabiam que corriam perigo ao lado do Imperador derrotado...

Pedro I, p. 29 deste livro



ISBN 978-85-232-1033-5



9 788523 210335